

<http://dx.doi.org/10.26694/pensando.v14i31.4064>

Licenciado sob uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>



ÉTICA SOLIDÁRIA, PARA QUÊ? ENTRE A CRÍTICA E O “SOCIAL” COMO APONTAMENTOS AO POPULISMO BOLSONARISTA

Solidarity Ethics, but for what?

Between Critique and “Das Soziale”: remarks about bolsonarist populism

José Henrique Sousa Assai
UFMA

Resumo: O escopo basilar de uma Teoria Crítica tem como fundamento a emancipação na qual decorre da análise, do diagnóstico e de uma atitude corretiva perante uma determinada patologia social. Levando-se em consideração esses pressupostos, o atual cenário político brasileiro centrado sob uma forma populista tende a obliterar os elementos constitutivos do “Social” entendido preliminarmente enquanto instituições, práticas e relações sociais. Sob o esteio de uma Aufklärung de uma teoria crítica da política, e tendo como base empírica o atual contexto social e político brasileiro, pretendo explicitar, nesta pesquisa, a exigência de uma ética-solidária como forma de responder aos problemas de ordem social e político nos quais se emolduram sob o modo de um populismo “bolsonarista” no qual solapa a esfera “Social” no Brasil. Para tal tratativa, parto da ideia básica de que uma teoria crítica deva assumir um pensamento decolonial como plataforma de sua compreensão sacionormatividade (1). Ao assumir (1), uma crítica imanente ao vigente populismo se move para uma ação ético-solidária como tentativa de correção desse “dasein” político (2).

Palavras-chave: Teoria Crítica. Populismo. Filosofia Social.

Abstract: The basic scope of a Critical Theory is based on emancipation, which results from analysis, diagnosis, and a corrective attitude toward a social pathology. Taking this assumption into account, the current scenario of political Brazilian is rooted in populism which obliterates the constitutive elements of the “Social” understood as institutions, practices, and social relations. Under the mainstay of an “Aufklärung” of a critical theory of politics and based on the current Brazilian social and political context, I aim to explicit, in this research, the demand for an ethical and solidary conception as an answer to the social and political problems of “Bolsonarist” populism that undermines the “Social” sphere in Brazil. In this regard, I start from the basic idea that a critical theory should take on a decolonial thought as an assumption of its social and normative understanding (1). Considering (1), an immanent criticism of the current populism moves towards an ethical-solidary action as an attempt to correct this political “dasein” (2).

Keywords: Life-form, Messianism, Ethics, Rest, Agamben

1. Uma Crítica Decolonial ao Populismo

Ao estabelecer que os déficits em uma determinada realidade são mediados pelos diagnósticos situados nesse mesmo “mundo real”¹, o espírito do programa sacionormativo de uma teoria crítica, ancorado pelo *telos* da emancipação, emerge enquanto uma *conditio*

¹ BOHMANN, Ulf, SÖRENSEN, Paul. *Kritische Theorie der Politik*. Berlin: Suhrkamp Verlag, 2019, 709p.
WESCHE, Tilo. “Reflexion, Therapie, Darstellung: Formen der Kritik.” In: JAEGLI, Rahel, WESCHE, Tilo (org.) *Was ist Kritik?* Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2013, p. 193 – 220.

sine qua non para responder às patologias sociais. Nesse sentido, uma abordagem decolonial² pode se estabelecer como uma adequada mediação para se pensar o “Social” (compreendido basicamente pelo conjunto das instituições, relações e práticas sociais) em um quadro analítico e normativo de uma teoria crítica e da filosofia social³ na medida em que leva a sério a resolução das patologias sociais no tocante a determinadas formas de dominação. Na interface entre pensamento decolonial e teoria crítica⁴ o tema da transformação é recorrente e dele emana o postulado da

[...] compreensão de que o fim do colonialismo não resulta no fim da condição de dominação colonial; ao contrário, as relações de dominação se mantêm na estrutura sociopolítica por meio da colonialidade [...] Os decoloniais nos ensinam que ela, a colonialidade, não pode ser pensada somente a partir do contexto da conquista e do período colonial formal, mas sim como constitutiva de relações de exploração, dominação e conflito que se seguem até os dias de hoje⁵

É exatamente no desvelamento das situações de dominação bem como na orientação das potencialidades exequíveis de correção desses contextos compreendidos distorcivamente que a teoria crítica e o pensamento decolonial se encontram e promovem, por assim dizer, novos saberes emancipadores já que a decolonialidade é um aporte teórico-prático de uma teoria crítica⁶. Nesse sentido, explicitar as contradições de uma determinada compreensão sociopolítica – como no caso do populismo “bolsonarista” – é por, sob o escrutínio crítico-reflexivo, a incomplacente lógica populista do atual governo presentificada por um movimento “subalternizador” no qual pressupõe *prima facie* um radical “mandonismo”⁷. O discurso de posse do atual presidente da República foi um preclaro exemplo de um populismo⁸ avesso ao que é constitutivo do “Social” brasileiro, pois – e não precisamos fazer um esforço anamnético para tanto – na medida em que o próprio Bolsonaro estabeleceu uma verdadeira “cruzada” contra a “submissão ideológica”, as “amarras ideológicas”, gênero e uma economia “sem viés ideológico”⁹, ele não só

² GÓMEZ, Santiago. *El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Central, 2007, 308p.

MIGNOLO, Walter, CATHERINE, Walsh. *On decoloniality: concepts, analytics, praxis*. Durham: Duke University Press, 2019, 291p.

RIBEIRO, Adelia Miglievich. “Por uma razão decolonial: Desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna”. In: *Civitas*. Porto Alegre: n.1, 2014, pp. 66 – 80.

TORRES, Nelson Maldonado. “Transdisciplinaridade e decolonialidade.” In: *Revista Sociedade e Estado*. Brasília: n.1, 2016, pp.75 – 97.

³ DETEL, Von Wolfgang. *Philosophie des Sozialen*. Stuttgart: Reclam, 2007, 191p.

FISCHBACH, Franck. “Die Umtriebe des “Sozialen””. In: FISCHBACH, Franck. *Manifest für eine Sozialphilosophie*. Bielefeld: Transcript Verlag, 2016, p. 81 – 92.

FORST, Rainer et.al. (org.). *Sozialphilosophie und Kritik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2009, 743p.

JAEGGI, Rahel, CELIKATES, Robin. *Sozialphilosophie: Eine Einführung*. München: C.H.Beck, 2017, 128p.

⁴ BALTAR, Paula. “A Teoria Crítica sob o olhar da decolonialidade”. In: *Revista Tensões Mundiais*. Fortaleza: n. 31, 2020, pp. 21 – 47.

⁵ BALTAR, 2020, pp. 21 – 47.

⁶ MIGNOLO, 2019, 291p.

⁷ SCHWARCZ, Lilia. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, 260p.

⁸ FITZI, Gregor et.al. (org.). *Populism and the Crisis of Democracy: Concepts and Theory*. New York: Routledge, 2019, 177p.

KALTWASSER, Cristóbal. *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford Press, 2017, 903p.

MAFFETTONE, Pietro. *Populismo e filosofia politica*. Napoli: Liguori Editore, 2020, 178p.

MUDDE, Cas. How populism became the concept that defines our age. <https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/nov/22/populism-concept-defines-our-age> (01/março/2022).

MUDDE, Cas. “The Populist Zeitgeist.” In: Cambridge. Oxford: n.2, 2021, pp. 541 – 563.

MUDDE, Cas, KALTWASSER, Cristóbal. *Populism: a very short introduction*. Oxford: Oxford Press, 2017, 131p.

⁹ DEUTSCHE WELLE. Bolsonaro e a Ideologia. <https://www.dw.com/pt-br/bolsonaro-e-a-ideologia/a-47053263> (03/março/2022).

apresentou uma distorcida ideia sobre a ideologia¹⁰ mas, e radicalmente, assentou uma abordagem estratégica de cunho político¹¹ cuja gênese se vincula ao aparato ideacional¹² assim como a um desdobramento sociocultural¹³ dessa forma populista de pensamento e ação do chefe do Executivo.

Ao se afirmar que o populismo bolsonarista possui ancoramentos socioculturais também se está postulando a ideia de que essa forma compreensiva de ação política impacta na esfera “Social”, pois essa é entendida “pela existência de práticas sociais, instituições e relações como condição da individualidade e liberdade”¹⁴ e de cujo exercício crítico-reflexivo se possa determinar tais elementos constitutivos enquanto “instâncias de metarreflexão”¹⁵. Nesse contexto, as práticas sociais são entendidas por ações, atividades, que são constitutivas de nossa cotidianidade e não simplesmente uma forma de refletir ou pensar em uma determinada ação¹⁶. As práticas sociais são elaboradas (construídas) e orientadas no próprio tecido social e, por isso mesmo, que as práticas sociais estabelecem objetivos. Por outro lado, partindo da premissa de Rahel Jaeggi, uma instituição social é literalmente “a espinha dorsal do Social”¹⁷. Nessa perspectiva, as instituições sociais são, primeiramente, entidades constituídas mediante as práticas sociais e que, portanto, devem possuir uma efetividade e reconhecimento públicos; em segundo, elas são também estruturas existentes das práticas sociais formando um invólucro da vida humana.

Se tomarmos a sério essas considerações, então é possível ajuizar aproximadamente a ideia do populismo sociocultural com a estrutura institucional e das práticas sociais presentes no “Social”. No sentido das ciências sociais, a cultura pode ser entendida como toda forma de saber articulada pela tradição e pela noção de progresso¹⁸. Aliás, a ideia do progresso tornou-se ultimamente um ponto de inflexão e de pesquisa na teoria crítica enredada por profundos debates¹⁹.

Retomando: a partir da concepção do populismo sociocultural entendido como “a relação entre o líder político e uma base social”²⁰ fica estabelecida a centralidade da liderança política na qual prevê que a relação entre esse(a) líder e os seus apoiadores devem fomentar o radical estreitamento entre a autoridade legítima e o povo. Qualquer semelhança não é mera coincidência! Bem nos lembra Benjamin Moffitt²¹ quando concebe ao líder populista características muito peculiares tais como: a falta de lhanza e sempre disposto a perpetuar um estado de crise. Essas situações se apresentam, portanto, como os “ímãs de neodímio” de um bolsonarismo que afronta a esfera “Social” brasileira na medida em que estabelece perpetuamente uma crise que afronta as instituições (as intermináveis querelas entre o Executivo e o Judiciário, por exemplo), as relações e as práticas sociais (ações performativas): casos de beligerantes conflitos entre pessoas nas

¹⁰ JAECCI, Rahel. “Was ist Ideologiekritik?” In: JAECCI, Rahel, WECHE, Tilo (org.). *Was ist Kritik?* Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2013, p. 266 – 295.

JAECCI, Rahel. “Repensando a Ideologia.” In: *Civitas*. Porto Alegre: n. 1, 2008, pp. 137 – 165.

¹¹ WEYLAND, Kurt. “Populism: a political-strategic approach.” In: KALTWASSER, Cristóbal. *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford Press, 2017, p. 72 – 102.

¹² MUDDE, Cas. “Populism: an ideational approach”. In: KALTWASSER, Cristóbal et al.(org.). *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford Press, 2017, p. 46 – 70.

¹³ OSTIGUY, Pierre. “Populism: a socio-cultural approach”. In: KALTWASSER, Cristóbal et al. (org.). *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford Press, 2017, p. 104 – 133.

¹⁴ JAECCI, 2017, 128p.

¹⁵ JAECCI, 2017, p. 11.

¹⁶ JAECCI, Rahel. *Kritik von Lebensformen*. Berlin: Suhrkamp Verlag, 2014, 451p.

¹⁷ JAECCI, Rahel. “Was ist eine (gute) Institution?” In: FORST, Rainer et al.(org.). *Sozialphilosophie und Kritik*, Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2009, p. 528 – 544.

¹⁸ CUCHE, Denys. *La noción de cultura en las ciencias sociales*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002, 160p.

¹⁹ ALLEN, Amy. *The End of Progress: Decolonizing the Normative Foundations of Critical Theory*. New York: Columbia University Press, 2016, 280p.

JAECCI, Rahel, ALLEN, Amy. “Progress, Normativity, and the Dynamics of Social Change: An Exchange between Rahel Jaeggi and Amy Allen”. In: *Graduate Faculty Philosophy Journal*. Berlin: n. 2, 2016, pp. 225 – 251.

JAECCI, Rahel. *Fortschritt und Regression*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2021, 200p.

²⁰ OSTIGUY, 2017, p. 104 – 133

²¹ MOFFITT, Benjamin. *The global rise of populism: performance, political style, and representation*. Stanford: University Press, 2016, 190p.

paradas “pró” e “contra” o atual governo; ataques cibernéticos; manobras para estorvar o serviço público interpondo a esse uma concepção “de caráter privado”; os arroubos nada cândidos do presidente Bolsonaro; a aversão para com o saber científico, sobretudo, para a dilemática situação da pandemia da covid-19 preconizando um radical negacionismo para com as vacinas, os ataques verbais a jornalistas quando questionado por algo feito pelo próprio Presidente ou algum membro do seu “clã”²². É nesse sentido que um líder populista não prevê ser questionado por suas ações e, portanto, articula nessa forma populista de pensamento e ação como um “estilo político” que se organiza ideologicamente²³ por meio de um discurso beligerante e que causa fissuras nas relações sociais, nas instituições e nas práticas sociais.

O populismo bolsonarista recebe integralmente essa forma sociocultural da ação política quando toma por ação esse caráter “relacional” acima descrito produzindo um efeito performativo tanto para os seus apoiadores quanto para aquelas(es) “indecisas(os)”²⁴. Esse caráter performativo reverbera nas camadas sociais – relações e práticas – em nosso país quando, por exemplo, uma determinada ação do líder (Bolsonaro) assume um status de grande repercussão podendo ser, nesse caso, concebida enquanto normativa: o contínuo aparecimento público do presidente da República não usando a máscara para a proteção da covid-19. Para muitas pessoas, aquela atitude é um “tipo ideal”, um “padrão” a ser seguido e, portanto, nada há o que temer sobre o cenário epidemiológico provocado pela covid-19²⁵. Afinal de contas, “é só uma gripezinha!”. De fato, a ação é performativamente relacional entre o líder e um povo. Que o diga a CPI da covid bem como toda a reflexão e crítica quanto ao programa de vacinação para a covid-19!²⁶. No sentido de uma performatividade populista do líder e do seu séquito, o recente exemplo de um Ministro de Estado declarar que o problema da saúde pública brasileira é que se tem a meta de viver cem anos é de uma absoluta sandice! Sem dúvida, essa afirmação está comprometida com uma lógica populista e “moloqueana”²⁷. De todo modo, as maiores vítimas dessas ações são os pobres já que esses são colocados no altar sacrificial de um governo avesso ao “Social”²⁸.

A lógica populista bolsonarista recebe, sob o prisma socioeconômico e sob a coordenação do Ministro Paulo Guedes, um neoliberalismo²⁹ que de certo modo, afeta negativamente – ainda mais pela crise pandêmica da covid-19³⁰ e talvez ao novo cenário

²² A recente agressão verbal por parte do Presidente Bolsonaro – ação reiteradamente continuamente – chamando a jornalista da TV Aratu (Bahia) de “idiota” pelo fato de que a repórter Driele Veiga perguntou ao Presidente da República sobre uma foto na qual o chefe do Executivo estava rindo com um cartaz dizendo “CPF cancelado” no programa policial *Alerta Nacional*. Jornal do Brasil. Bolsonaro chama jornalista de ‘idiota’ após ser questionado sobre foto com ‘CPF cancelado’. <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral/bolsonaro-chama-jornalista-de-idiota-apos-ser-questionado-sobre-foto-com-cpf-cancelado.70003694526> (01/março/2022).

²³ JAEGGI, 2008, pp. 137 – 165.

²⁴ OSTIGUY, 2017, p. 104 – 133.

²⁵ HABERMAS, Jürgen. Habermas über Corona: So viel Wissen über unser Nichtwissen gab es noch nie. https://www.fr.de/kultur/_gesellschaft/juergen-habermas-coronavirus-krise-covid19-interview-13642491.html (03/março/2022).

²⁶ AUGUSTO, Cristiane, SANTOS, Rogério. *Pandemia e Pandemônios no Brasil*. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020, 361p.

GUEDES, Jozivan. “Biopolítica e normatividade: duas abordagens filosóficas acerca da pandemia da Covid-19 a partir de Agamben e Habermas.” In: *Voluntas*. Santa Maria: n. 8, 2020, pp. 1- 9.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020, 36p.

SOBRINHO, Liton. *Covid 19: Direitos Humanos e Educação*. Itajaí: Univale, 2020, 457p.

²⁷ ‘Moloc’ era uma divindade do povo amonita que exigia o sacrifício como forma de purificação. A metáfora se aplica sob o plano político e econômico ao atual governo na medida em que ele exige sacrifícios sempre maiores para o povo brasileiro. MONKS, Neale, PALMER, Philip. Ammonites. London: *The Natural History*, 2002, 160p. NELSON, Clifford. “Ammonites: Ammon’s Horns into Cephalopods”. In: *Journal of Society for the Bibliography of Natural History*. London: n.5, 1968, pp.1-18.

²⁸ PINZANI, Alessandro. “Vai trabalhar, vagabundo: retórica anti-pobre e aspectos normativos de uma teoria da pobreza.” In: *Sob os olhos da crítica: reflexões sobre democracia, capitalismo e movimentos sociais*. Macapá: UNIFAP, 2017, p. 348 – 388.

²⁹ BIEBRICHER, Thomas. *The Political Theory of Neoliberalism*. Stanford: University Press, 2018, 262p.

³⁰ BYRNE, Joseph P., HAYS, Jo N. *Epidemics and Pandemics: from ancient plagues to modern-day threats*. California: Greenwood, 2021, 741p.

pandêmico do vírus RpYNo – a nossa vida social. A dinâmica interna e externa da lógica econômica do governo Bolsonaro³¹ aliada ao evento covid-19 – e economia não pode estar circunscrita a questões precificadoras³² – tem como um desdobramento prático a sensação de que “a liberdade plena” fora posta sob restrição, ou seja, sob o plano prático, as medidas restritivas assumidas pelos Estados e municípios testificaram essa sensação que passou a ser “uma certeza”. O remédio antinômico (foi) é o grande número de aglomerações nas consideradas “festas clandestinas” como uma maneira de restabelecer o elo perdido “da liberdade plena”. Para uma investigação filosófica social cabe a pergunta de como as instituições e as práticas sociais podem possibilitar o “retorno” dessa liberdade antes efetivada e agora, devido a covid-19, desestabilizada. O princípio da autodeterminação como um critério basilar para o exercício da liberdade subjetiva, por exemplo, é afetado pelo cenário pandêmico e que, de certo modo, é também regido por uma lógica econômica balizada pela dicotomia entre o “fique em casa” e o “necessito sair para trabalhar”. No Brasil, esse debate ganhou contornos bem específicos desembocando inclusive em processos de judicialização. Talvez poder-se-ia creditar aqui uma base para se pensar a liberdade social³³ como forma de responder às reiteradas tentativas de silenciamento da opinião pública e política inclusive no processo de formação da opinião pública.

Mais uma vez: o “Social” brasileiro fora afetado pelo populismo bolsonarista quando – em nome da radical autodeterminação – as relações sociais, presentes nas instituições e em nossas práticas, ficaram, mediante a vontade do líder Bolsonaro, à mercê do puro arbítrio de cada pessoa possibilitando, assim, as aglomerações e, portanto, colaborando para o surgimento das variantes da covid-19. Nesse sentido, penso que uma das pechas ao “Social” oriundo da pandemia foi o fenômeno do estranhamento³⁴. Àquela ideia da “liberdade plena” – livre das restrições – ficou em seu lugar o medo de si e do outro, a alteridade passou a ser vista como a “minha inimiga” porque pode(ria) trazer um vírus letal. Isso sem falar dos problemas psíquicos advindos de toda essa situação restritiva³⁵. Daí que, sob a perspectiva de uma teoria crítica e da filosofia social, o populismo bolsonarista acelerou, incentivou e negligenciou todas essas circunstâncias advindas da pandemia: toda a esfera “Social” fora afetada brutalmente. Permaneceu, logo no início da pandemia e durante o ano de 2021 mais precisamente, a dúvida fundamental em se vamos ao trabalho, se saímos ou se ficamos em casa, se usamos máscara ou não a usamos etc. Nessas circunstâncias, as relações sociais são afetadas pela “nova ordem” imposta pela covid-19 e auxiliada por um populismo avesso ao “Social” quando assume uma atitude descompromissada com relação a saúde. Vejamos, por exemplo, o caso do Estado do Amazonas. Sem falar do Estado no qual eu resido, o Maranhão, onde houve toda uma discussão sobre o lockdown parcial ou total e que alguns municípios não adotaram e não obedeceram a uma ordem do governo do Estado.

Se as relações sociais, as instituições e as práticas sociais padecem sob o manto de um populismo “mandonista” no nosso país, postular uma tentativa de resposta a essa patologia social parece, por um lado, claudicar pela tibieza a esse populismo levando parte da sociedade civil a uma espécie de *tantalismo* social e político; por outro, e pelo prisma de uma teoria crítica que se move pelo *telos* emancipador, tal cenário exige uma resposta. Não se trata aqui de apresentar a resposta, mas **uma** condição possível de enfrentamento a esse flagelo ao “Social” brasileiro advindo do populismo ao qual estamos vivendo em nosso país. Nesse sentido, creio que a proposta de uma base ética solidária para fins

³¹ NOBRE, Marcos. *Ponto-Final: a guerra de Bolsonaro contra a democracia*. São Paulo: Todavia, 2020, 80p.

³² HONNETH, Axel, HERZOG, Lisa. *Der Wert des Marktes: Ein ökonomischphilosophischer Diskurs vom 18. Jahrhundert bis zur Gegenwart*. Berlin: Suhrkamp Verlag, 2014, 670p.

PARKIN, Michael. *Economía*. México: Pearson, 2018, 832p.

³³ HONNETH, Axel. *Die Idee des Sozialismus: Versuch einer Aktualisierung*. Berlin: Suhrkamp Verlag, 2015a, 167p.

HONNETH, Axel. *O Direito da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2015b, 646p.

³⁴ JAEGGLI, 2017, 128p.

³⁵ RAONY, Ícaro et.al. “Psycho-Neuroendocrine-Immune Interactions in COVID-19: Potential Impacts on Mental Health”. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/41894> (03/março/2022).

sociais e políticos possa se constituir como um projeto exequível ao nosso país e, assim, responder minimamente às demandas da nossa esfera “Social”.

2. Ética Solidária: Possibilidade(s) para responder ao populismo bolsonarista?

Na introdução à nova edição do livro “*O Poder da Ideologia*”, Mészáros apresenta que “outro mundo é possível e necessário”³⁶. Nesse contexto, e que contrariamente a uma lógica populista e a despeito da ideia de necessidade e possibilidade ali discorridas, permanece um caráter na crença em um projeto no qual inicialmente se pode(ria) dar um “adeus” ao mito da neutralidade ideológica. E essa é uma questão crucial para o governo vigente no Brasil! A ideia subjacente é a de que só quem diverge do plano desse governo possui uma ideologia na qual parece prefigurar reiteradamente a querela “direita” vs “esquerda”. Sob o fito de uma pesquisa crítica, parte-se de uma noção básica de que não é bem assim; ao contrário, faz-se necessária “contrapor à defesa cética de que não há alternativa”³⁷ para o nosso momento atual. Não basta o “Fora, Bolsonaro”. Não! Necessitamos de projeto(s) alternativo(s) que possam aperfeiçoar o nosso “Social” – a vida do nosso povo brasileiro atendendo aos requisitos mínimos das condições para uma existência social digna³⁸ – e não o estiolar como se faz agora. Por isso que, perante o nosso cenário, a ideia da participação³⁹ na vida social, política e pública é tanto um repto quanto uma moção.

Outra realidade é possível e necessária, mas não no sentido de uma predeterminação fatalista, mas como uma necessidade urgente e profunda, cuja realização, ou não, decide tanta coisa no futuro. Não apenas “lá” no futuro, mas no presente também. Sendo assim, a ideia fundamental de um “interesse comum totalmente objetivo” pode ser um convite para um movimento emancipador e, no caso desta pesquisa, para, de igual modo, postularmos a ideia basilar de uma ética solidária⁴⁰ como *medium* resolutivo para essa aversão ao nosso “Social”. Partindo do pressuposto de que, no atual governo, a vigente lógica populista de cunho “mandonista” e “moloqueana” não é (está) isenta de ideologia(s)⁴¹, e sob o plano de uma teoria crítica normativa⁴², precisamente quando se leva a sério uma determinada contingência histórica, podemos encetar o postulado de uma ética solidária como resposta aos problemas sociais para com o “Social” brasileiro advindos desse populismo ora vigente.

Na ideia do “Social”, a liberdade social se estabelece enquanto elemento constitutivo de uma arquitetônica teórico-prática⁴³ que se desdobra em uma determinada concepção ética com embasada pela solidariedade. A despeito de um vestígio metafísico-

³⁶ MÉSZÁROS, István. *O Poder da Ideologia*. São Paulo: Boitempo, 2004, 566p.

³⁷ MÉSZÁROS, 2004, 566p.

³⁸ PARIJS, Philippe Van, VANDERBORGHT, Yannick. *BASIC INCOME: A Radical Proposal for a Free Society and a Sane Economy*. Cambridge: Harvard University Press, 2017, 384p.

VANDERBORGHT, Yannick, PARIJS, Philippe. *Renda básica de cidadania. Argumentos éticos e econômicos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, 192p.

DIETERLEN, Paulette. *La Pobreza: un estudio filosofico*. México: Fondo de Cultura Económica, 2003, 189p.

³⁹ MÉSZÁROS, 2004, p. 327 – 512.

⁴⁰ JAEGGI, Rahel. “Solidarity and indifference”. In: *Solidarity in health and social care in Europa*. Dordrecht: Springer, 2001, p. 287 – 308.

⁴¹ MÉSZÁROS, 2004, 566p.

JAEGGI, 2008, pp. 137 – 165.

⁴² AMSTUTZ, Marc, ANDREAS, Lescano. *Kritische Systemtheorie: Zur Evolution einer normativen Theorie*. Bielefeld: Transcript Verlag, 2013, 410p.

CELIKATES, Robin. *Kritik als soziale Praxis: Gesellschaftliche Selbstverständigung und Kritische Theorie*. Frankfurt: Campus Verlag, 2009, 272p.

FÖRST, Rainer et.al. (org.). *Sozialphilosophie und Kritik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2009, 743p.

VARELA, Maria do Mar, DHAWAN, Nikita. *Postkoloniale Theorie: Eine kritische Einführung*. Bielefeld: Transcript Verlag, 2015, 376p.

⁴³ HONNETH, 2015a, 167p.

HONNETH, 2015b, 646p.

religioso acerca da liberdade social⁴⁴ onde há um alerta para as novas formas de colonização do nosso mundo cuja possibilidade de resposta se concentra no desafio em “cuidar de nós mesmos” e, para isso, exige-se que “precisamos de nos constituirmos como um “nós” que habita a casa comum”⁴⁵, subsiste a ideia fundamental de que – mesmo independentemente de um pensamento metafísico-religioso, pós-metafísico, filosófico-social–, resguardando os ancoramentos semântico-epistêmicos de cada abordagem, a ideia da solidariedade parece se corporificar enquanto enfrentamento aos problemas sociais⁴⁶ ou, de modo mais específico nesta pesquisa a partir de uma abordagem crítico-reflexiva, em enfrentar os problemas no “Social” brasileiro na medida em que procura apresentar (re)soluções aos problemas causados pelo populismo bolsonarista no plano das relações institucionais e das práticas sociais. A solidariedade, nesse caso, pode se constituir como uma resposta sacionormativa e ética para a atual forma de populismo bolsonarista. Pela perspectiva sacionormativa, o agir solidário se orienta enquanto uma ação de combate à exclusão social⁴⁷ já que busca integrar a sociedade identificando o processo de estiolamento socioeconômico e buscando intervir nele mediante a inclusão política na qual prevê a tarefa decisiva da esfera pública⁴⁸; por outro lado, a solidariedade passa a ser entendida eticamente por se estabelecer enquanto princípio que fundamenta uma determinada vida social⁴⁹. No caso específico do atual cenário sociopolítico brasileiro, em face do populismo vigente, o fortalecimento e a efetivação plena dos direitos sociais e dos direitos humanos⁵⁰ podem ser entendidos como respostas para esse deletério processo já supracitado.

Quando Hans Küng⁵¹ apelou para a ideia da necessidade de uma ética mundial foi estabelecido naquela ocasião a responsabilidade subjetiva e coletiva como critério ético-moral para responder aos desdobramentos de um globalismo que naquele momento estava vigente. Essa abordagem ética é também esfera social, pois na concepção do saudoso teólogo alemão, uma perspectiva ética social afeta as pessoas e as instituições (um dos elementos constitutivos do “Social”). Nesse sentido, a recente declaração do Ministro Edson Fachin (STF) aponta para o desmantelamento do “Social” brasileiro tomando como orientação o aspecto institucional, a saber: “o populismo totalitário ronda a democracia brasileira. É fundamental esse alerta, porquanto é antessala do golpe [...] o mais grave é essa visão personificada do povo em contraste com as instituições. As eleições de 2022 trazem à tona um imperativo categórico: preservar o sistema eleitoral brasileiro”⁵².

A despeito do brado populista do Presidente Bolsonaro – no qual afirmou que se não houver voto impresso, não pode haver eleição – o alerta do Ministro Fachin não diz respeito apenas para a questão do voto impresso, mas, a meu ver, também para as tratativas relacionais entre as instituições (sociais). E mais ainda: o alerta deve(ria) auxiliar na análise, no diagnóstico (e em uma tomada de posição corretiva) nessa vigente

⁴⁴ FRANCISCO. Carta Encíclica Sobre a Fraternidade e a amizade social. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html (03/março/2022)

⁴⁵ FRANCISCO, 2020.

⁴⁶ BRUNKHORST, Hauke. *Solidarität: Von der Bürgerfreundschaft zur globalen Rechtsgenossenschaft*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2002, 246p.

FRANCISCO, 2020.

HABERMAS, Jürgen. *Im Sog der Technokratie*. Berlin: Suhrkamp Verlag, 2013, 193p.

SCHOLZ, Sally J. *Political Solidarity*. Pennsylvania: University Press, 2008, 286p.

JAEGGI, Rahel. “Solidarity and indifference”. In: *Solidarity in health and social care in Europa*. Dordrecht: Springer, 2001, p. 287 – 308.

⁴⁷ BRUNKHORST, 2002, p. 162.

⁴⁸ BRUNKHORST, 2002, p. 183.

⁴⁹ BRUNKHORST, 2002, p. 108.

⁵⁰ BRUNKHORST, 2002, p. 108 – 110.

⁵¹ KÜNG, Hans. Por qué una ética mundial? Barcelona: Editorial Herder, 2002, 208p.

⁵² Jornal do Brasil. Edson Fachin, do STF, alerta: Populismo que ronda democracia brasileira é antessala do golpe. <https://www.poder360.com.br/justica/populismo-que-ronda-democracia-brasileira-e-antessala-do-golpe-diz-fachin> (01/março/2022)

forma populista que impacta negativamente na vida das pessoas. Como se não bastasse as recentes ameaças do Ministro Paulo Guedes ao serviço público caso a Reforma Administrativa não se efetive, ainda acompanhamos o “Bolsolão” cujo desdobramento fragiliza ainda mais a democracia representativa brasileira⁵³ colocando-a sob um verdadeiro dilema. De fato, a fantasmagoria populista brasileira⁵⁴ exige não apenas um diagnóstico e interpretação, mas uma resposta (o que tem sido feito tanto na área das ciências humanas quanto em outras esferas do saber). É nesse sentido, sobre o aspecto da representação política, que Habermas, ao longo de décadas, vem falando a respeito do processo de formação da opinião pública e da vontade política⁵⁵ como esteio balizador para a efetividade da democracia. Efetividade, nesse caso, significa, dentre tantos atributos, a luta pela efetivação da justiça social (bens e direitos sociais) na qual se estabelece também como resposta a toda forma de populismo “mandonista” que não prevê a participação política como métrica da vitalidade democrática de uma sociedade. É por isso que a justiça social, bens coletivos se remetem para àquilo que Habermas⁵⁶ cognominou de política solidária lastreada por princípios ético-normativos na qual postula exatamente a ética solidária como uma forma compreensiva de metaprincípio para a sociedade civil. Participar politicamente na construção de nossa sociedade não é um favor de um Estado ou governo; porém, deve(ria) ser entendido como um esteio orientador para a formação das formas de vida sociais⁵⁷ que se fazem presentes nessa mesma sociedade e que também devem combater qualquer forma de populismo.

Quando Rahel Jaeggi apresentou sua ideia acerca da ética solidária⁵⁸, ela o fez tomando por consideração uma base sionormativa de ação cuja centralidade está no objetivo comum de um ato concebido cooperativamente pelas pessoas. Nesse sentido, quando uma determinada ação é orientada pelo “interesse no interesse dos outros” e não simplesmente para se alcançar um objetivo individual, aí temos àquilo que ela chama de “cooperação não-instrumental”. A alteridade, nesse caso, torna-se uma mediação socio-ontológica para se pensar/efetivar um determinado processo cooperativo⁵⁹; mas, por outro lado, ela se torna também uma chave social e compreensiva para tomada(s) de ação(ões) ao se estabelecer uma esfera axiológica em uma ação cooperativa, isto é, uma cooperação não-instrumental postula, por princípio, uma condição intersubjetiva de realização. Nesse caso, essa forma cooperativa de ação é também entendida enquanto ética (ética solidária). Permanece, portanto, a questão que orienta a segunda parte desta pesquisa: Em que precisamente uma ética solidária pode ser uma forma de vida assumida pelas pessoas para o enfrentamento ao populismo bolsonarista no qual impacta pesadamente no “Social” brasileiro?

A manifestação em apoio ao Presidente Bolsonaro ocorrida no Rio de Janeiro no último dia 23/05/2021 chamada de “motociata” foi um forte indicador da exigência de uma ética solidária para enfrentar essa forma populista que se estabelece por ora no Brasil. O reiterado não-uso da máscara diante do atual cenário pandêmico da covi-19, aglomerações, palavras contra a imprensa (com a expulsão de um repórter no dito ‘ato político’) e manifestações radicalmente contrárias a algumas instituições sociais (principalmente o STF, alguns congressistas etc.) aumentam um cenário conflituoso entre os partidários do “atual regime” e os “contra” fazendo com que, por outro lado, cada vez mais aumente a proposta política de uma “terceira via” para o próximo pleito eleitoral à Presidência da República; e, por outro, eleve os casos de conflitos beligerantes entre os

⁵³ URBINATI, Nadia. *Io, il popolo: come il populismo trasforma la democrazia*. Bologna: Mulino, 2020, 322p.

LACLAU, Ernesto. *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas, 2013, 383p.

⁵⁴ GLEDHILL, John. “The Brazilian Crisis and the Ghosts of Populism”. In: KAPFERER, Bruce, THEODOSSOPOULOS, Dimitrius. *Democracy’s Paradox: Populism and its Contemporary Crisis*. New York: Berghahn, 2019, p. 55 – 73.

⁵⁵ HABERMAS, Jürgen. *Ach, Europa: Kleine Politische Schriften XI*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2008, 191p.

⁵⁶ HABERMAS, 2013, p. 82 – 111.

⁵⁷ JAEGGI, 2014, 451p.

⁵⁸ JAEGGI, 2001, p. 287 – 308.

⁵⁹ THEUNISSEN, Michael. *El outro: Estudios sobre la ontología social contemporánea*. FCE: México, 2014, 580p.

“pró” e “contra” Bolsonaro e o bolsonarismo. Essa é uma questão complexa, pois impacta na vida das pessoas, das relações sociais e, portanto, do “Social” além da causar forte abalo nas relações institucionais – elemento do “Social” para Rahel Jaeggi – como, por exemplo, as possíveis ingerências do presidente Bolsonaro junto a Polícia Federal, ao Itamaraty, à Receita Federal, aos comandos das Forças Armadas etc. Sob o prisma de uma filosofia social que se ocupa da pobreza, **por exemplo**, essas ações produzem um nocivo efeito no esteio “Social” brasileiro, pois afetam pesadamente sobre as relações e instituições sociais; portanto, e sobretudo, afetam as vidas humanas, as vidas dos mais pobres.

A ideia e efetivação de uma ética solidária como tentativa de resposta ao estiolamento da esfera “Social” brasileira não é uma pura invenção em uma democracia participativa⁶⁰; ao contrário, ela se estabelece enquanto mediação possível na medida em que a sociedade brasileira construa uma agenda para o nosso país; isto é, a exigência de um objetivo em comum no qual se estabeleça uma métrica basilar e objetiva para, por exemplo, a efetivação das condições mínimas de existência social⁶¹ (justiça social) para o povo brasileiro. Não é “apenas” a pandemia que está causando os altos indicativos de pobreza no Brasil⁶², mas também o perfilamento a uma lógica econômica desastrosa principalmente para os mais pobres⁶³.

A busca para efetivar uma ética solidária, tal como Jaeggi a concebe, ganha força frente ao esfacelamento do “Social” brasileiro, apesar das “reivindicações diferenciais”⁶⁴ entre quem é favor e quem é contra o bolsonarismo (lógica populista), na medida em que a sociedade brasileira possa tomar a sério a tarefa das instituições sociais como possibilidades emancipatórias cuja capilaridade atinge a esfera política, social, econômica, e, portanto, material das pessoas e não enquanto puro fetichismo institucional cuja ideia básica é “apegar-se à instituição como se fosse um fim em si mesma”⁶⁵. Não é disso que estou tratando no que diz respeito ao apelo *mediador* de uma instituição social sob o design de uma teoria crítica e de uma filosofia social que se ocupa pelo “Social” e, por isso mesmo, está atenta às patologias sociais incorridas no e a própria esfera “Social”.

Levando em consideração a filosofia social, a tarefa das instituições⁶⁶ – que compõem o “Social” – é justamente de serem as “instâncias de mediação dos bens e dos direitos sociais”⁶⁷. Essa, sim, deve(ria) ser uma das pautas “comuns” tanto para os “bolsonaristas” quanto para os “não-bolsonaristas”. De outro modo, tendo esse quadro contextual supracitado, creio que nós estejamos em uma condição limítrofe no tocante, por exemplo, às relações sociais estabelecidas enquanto visões e mundo⁶⁸ não-compartilháveis entre si e beligerantemente alérgicas. De fato, a sociedade brasileira protagoniza um verdadeiro espetáculo cujos atores e atrizes “não estão se saindo bem”. A despeito de quem apoia ou não apoia o populismo bolsonarista, é fato de que a vida social do nosso povo está sendo cada vez mais comprometida. A exigência de uma ética solidária

⁶⁰ SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020, 36p.

⁶¹ PINZANI, 2017, p. 348 – 388.

PINZANI, Alessandro, REGO, Walquiria Leão. *Vozes do Bolsa Família: autonomia, dinheiro e cidadania*. São Paulo: Unesp, 2013a, 241p.

PINZANI, Alessandro. “Justiça social e carências.” In: *Teoria Crítica e Justiça Social*. Florianópolis: Nefiponline, 2013b, p. 134 – 159.

VANDERBORGHT, 2006, 192p.

⁶² Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL). *Panorama Social de América Latina* Santiago: Naciones Unidas. 2021.

ALEGRETI, Lais. Bolsocaró? O que explica inflação mais alta para os mais pobres durante a pandemia. <https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2021/03/17/bolsocaró-o-que-explica-inflação-mais-alta-para-os-mais-pobres-na-pandemia.htm> (03/março/2022).

⁶³ Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). Boletim de Conjuntura: Crise sanitária e econômica persiste e se intensifica. <https://www.dieese.org.br/boletimdeconjuntura/2021/boletimconjuntura27> (03/março/2022)

⁶⁴ DUSSEL, Enrique. *20 Teses de Política*. São Paulo: Expressão Popular, 2007, 184p.

⁶⁵ DUSSEL, 2007, p. 59 – 72.

⁶⁶ JAEGGI, Rahel. “Was ist eine (gute) Institution?” In: FORST, Rainer et.al.(org.). *Sozialphilosophie und Kritik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2009, p. 528 – 544.

⁶⁷ JAEGGI, 2009, p. 528.

⁶⁸ DEBORD, Guy. *Society of the Spectacle* London: Rebel Press, 2005, 150p.

não se trata do fato de “sermos bonzinhas (os)”; mas, ao contrário, de uma exequibilidade para a efetividade da própria vida de todo um ambiente. Os casos de Belo Monte, Brumadinho, desmatamento da Mata Atlântica, queimadas (o drama no Pantanal, na Amazônia), assoreamentos, a caça e pesca predatórias, a pandemia da covid-19 etc. corroboram que a vida ambiental em nosso país está em profunda crise. Essa contestação fática não se trata de ser “apenas” uma “mentira da esquerda contra Bolsonaro” de acordo com o que disse, certa vez, o ex-ministro Ernesto Araújo. É a própria vida que está em jogo! Há de se chegar a um “ponto final”, nos termos do prof. Marcos Nobre, em todo esse enredo. A vida “Social” brasileira padece e, por outro lado, necessita de um (re)vigoramento em suas constituições mais basilares. Essa forma de vida do populismo bolsonarista torna-se um entrave ao “Social” na medida em que impõe restrições cada vez mais severas ao seu corpo constitutivo erodindo as relações, as práticas e as instituições sociais. Permanece, portanto, o desafio de uma atitude crítico-reflexiva inserida em uma concepção ética solidária para a sociedade brasileira no combate a um populismo que dilacera o “Social”. A despeito das radicais diferenças entre àqueles(as) a favor e contra, penso que uma “agenda em comum” para o Brasil tendo como foco primordial àquilo que é mais elementar para a existência social dos (as) brasileiros(as) torna-se fundamental e não deve ser entendida enquanto um projeto utópico, mas, possível de ser efetivada, mesmo diante das adversidades, do contraditório e da radical discordância. O que não dá mais para suportar é essa beligerância a qual assistimos a todo dia. Não dá para ficar aguardando o pleito eleitoral de 2022! Há de se construir agora e, nesse sentido, a “espada de Dâmocles” se interpõe sob nossas cabeças! Princípios esse projeto com uma base ética de cunho solidário seria um bom começo, isto é, fomentar políticas públicas para todos e não apenas para alguns no tocante à existência social. Uma ética, por sua vez, não está dissociada de uma determinada concepção de justiça e, por isso mesmo, o repto de se efetivar uma justiça social no nosso Brasil ainda se coloca enquanto pendência e dívida de cada um de nós. Talvez a “plebe” brasileira não tenha percebido a sua “potência”⁶⁹ para transformar esse populismo vigente em algo efetivo para todo o povo. Nesse sentido, participar da nossa democracia não é contingente, porém, necessário⁷⁰ para uma efetiva vida “Social” na qual tenha a coragem emancipatória de negar toda e qualquer forma de populismo⁷¹.

Referências

ALEGRETI, Laís. Bolsocaro? O que explica inflação mais alta para os mais pobres durante a pandemia. <https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2021/03/17/bolsocaro-o-que-explica-inflacao-mais-alta-para-os-mais-pobres-na-pandemia.htm> (03/março/2022).

ALLEN, Amy. *The End of Progress: Decolonizing the Normative Foundations of Critical Theory*. New York: Columbia University Press, 2016, 280p.

AMSTUTZ, Marc, ANDREAS, Lescano. *Kritische Systemtheorie: Zur Evolution einer normativen Theorie*. Bielefeld: Transcript Verlag, 2013, 410p.

AUGUSTO, Cristiane, SANTOS, Rogério. *Pandemia e Pandemônios no Brasil*. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020, 361p.

⁶⁹ LINERA, Álvaro García. *A potência plebeia: ação coletiva e identidades indígenas, operárias e populares na Bolívia*. São Paulo: Boitempo, 2010, 349p.

⁷⁰ COELHO, Vera Schattan, NOBRE, Marcos. *Participação e deliberação: teoria democrática e experiências institucionais no Brasil contem-porâneo*. São Paulo: Editora 34, 2004, 368p.

⁷¹ FANCELLI, Uriã. *Populismo e negacionismo: o uso do negacionismo como ferramenta para a manutenção do poder populista*. Curitiba: Appris, 2021, 117p.

BALTAR, Paula. “A Teoria Crítica sob o olhar da decolonialidade”. In: *Revista Tensões Mundiais*. Fortaleza: n. 31, 2020, pp. 21 – 47.

BIEBRICHER, Thomas. *The Political Theory of Neoliberalism*. Stanford: University Press, 2018, 262p.

BOHMANN, Ulf, SÖRENSEN, Paul. *Kritische Theorie der Politik*. Berlin: Suhrkamp Verlag, 2019, 709p.

BRUNKHORST, Hauke. *Solidarität: Von der Bürgerfreundschaft zur globalen Rechtsgenossenschaft*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2002, 246p.

BYRNE, Joseph P., HAYS, Jo N. *Epidemics and Pandemics: from ancient plagues to modern-day threats*. California: Greenwood, 2021, 741p.

CELIKATES, Robin. *Kritik als soziale Praxis: Gesellschaftliche Selbstverständigung und Kritische Theorie*. Frankfurt: Campus Verlag, 2009, 272p.

COELHO, Vera Schattan, NOBRE, Marcos. *Participação e deliberação: teoria democrática e experiências institucionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Editora 34, 2004, 368p.

Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL). *Panorama Social de América Latina*. Santiago: Naciones Unidas, 2021.

CUCHE, Denys. *La noción de cultura en las ciencias sociales*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002, 160p.

DEBORD, Guy. *Society of the Spetacle*. London: Rebel Press, 2005, 150p.

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). Boletim de Conjuntura: Crise sanitária e econômica persiste e se intensifica. <https://www.dieese.org.br/boletimdeconjuntura/2021/boletimconjuntura27>. (03/março/2022)

DETEL, Von Wolfgang. *Philosophie des Sozialen*. Stuttgart: Reclam, 2007, 191p.

DEUTSCHE WELLE. Bolsonaro e a Ideologia. <https://www.dw.com/pt-br/bolsonaro-e-a-ideologia/a-47053263> (03/março/2022).

DIETERLEN, Paulette. *La Pobreza: un estudio filosofico*. México: Fondo de Cultura Económica, 2003, 189p.

DUSSEL, Enrique. *20 Teses de Política*. São Paulo: Expressão Popular, 2007, 184p.

FANCELLI, Uriã. *Populismo e negacionismo: o uso do negacionismo como ferramenta para a manutenção do poder populista*. Curitiba: Appris, 2021, 117p.

FISCHBACH, Franck. “Die Umtriebe des “Sozialen””. In: FISCHBACH, Franck. *Manifest für eine Sozialphilosophie*. Bielefeld: Transcript Verlag, 2016, p. 81 – 92.

FITZI, Gregor et.al. (org.). *Populism and the Crisis of Democracy: Concepts and Theory*. New York: Routledge, 2019, 177p.

FORST, Rainer. *Justificación y crítica: perspectivas de una teoría crítica de la política*. Buenos Aires: Katz Editores, 2015, 227p.

FORST, Rainer et.al. (org.). *Sozialphilosophie und Kritik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2009, 743p.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Sobre a Fraternidade e a amizade social*. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html (03/março/2022)

GLEDHILL, John. "The Brazilian Crisis and the Ghosts of Populism". In: KAPFERER, Bruce, THEODOSSOPOULOS, Dimitrius. *Democracy's Paradox: Populism and its Contemporary Crisis*. New York: Berghahn, 2019, p. 55 – 73.

GÓMEZ, Santiago. *El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Central, 2007, 308p.

GUEDES, Jozivan. "Biopolítica e normatividade: duas abordagens filosóficas acerca da pandemia da Covid-19 a partir de Agamben e Habermas." In: *Voluntas*. Santa Maria: n. 8, 2020, pp. 1- 9.

HABERMAS, Jürgen. Habermas über Corona: So viel Wissen über unser Nichtwissen gab es noch nie. <https://www.fr.de/kultur/gesellschaft/juergen-habermas-coronavirus-krise-covid19-interview-13642491.html> (03/março/2022).

HABERMAS, Jürgen. *Im Sog der Technokratie*. Berlin: Suhrkamp Verlag, 2013, 193p.

HABERMAS, Jürgen. *Ach, Europa: Kleine Politische Schriften XI*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2008, 191p.

HONNETH, Axel. *Die Idee des Sozialismus: Versuch einer Aktualisierung*. Berlin: Suhrkamp Verlag, 2015a, 167p.

HONNETH, Axel. *O Direito da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2015b, 646p.

HONNETH, Axel, HERZOG, Lisa. *Der Wert des Marktes: Ein ökonomischphilosophischer Diskurs vom 18. Jahrhundert bis zur Gegenwart*. Berlin: Suhrkamp Verlag, 2014, 670p.

JAEGGI, Rahel. *Fortschritt und Regression*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2021, 200p.

JAEGGI, Rahel, FRASER, Nancy. *Capitalismo em debate: uma conversa na teoria crítica*. São Paulo: Boitempo, 2020, 252p.

JAEGGI, Rahel, CELIKATES, Robin. *Sozialphilosophie: Eine Einführung*. München: C.H.Beck, 2017, 128p.

JAEGGI, Rahel, ALLEN, Amy. "Progress, Normativity, and the Dynamics of Social Change: An Exchange between Rahel Jaeggi and Amy Allen". In: *Graduate Faculty Philosophy Journal*. Berlin: n. 2, 2016, pp. 225 – 251.

JAEGGI, Rahel. *Kritik von Lebensformen*. Berlin: Suhrkamp Verlag, 2014, 451p.

JAEGGI, Rahel. "Was ist Ideologiekritik?" In: JAEGGI, Rahel, WECHE, Tilo (org.). *Was ist Kritik?* Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2013, p. 266 – 295.

JAEGLI, Rahel. "Was ist eine (gute) Institution?" In: FORST, Rainer et.al.(org.). *Sozialphilosophie und Kritik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2009, p. 528 – 544.

JAEGLI, Rahel. "Repensando a Ideologia." In: *Civitas*. Porto Alegre: n. 1, 2008, pp. 137 – 165.

JAEGLI, Rahel. "Solidarity and indifference". In: *Solidarity in health and social care in Europa*. Dordrecht: Springer, 2001, p. 287 – 308.

Jornal do Brasil. Bolsonaro chama jornalista de 'idiota' após ser questionado sobre foto com 'CPF cancelado'. <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral/bolsonaro-chama-jornalista-de-idiota-apos-ser-questionado-sobre-foto-com-cpf-cancelado.70003694526> (01/março/2022).

Jornal do Brasil. Edson Fachin, do STF, alerta: Populismo que ronda democracia brasileira é antessala do golpe. <https://www.poder360.com.br/justica/populismo-que-ronda-democracia-brasileira-e-antessala-do-golpe-diz-fachin/> (01/março/2022)

KALTWASSER, Cristóbal. *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford Press, 2017, 903p.

KÜNG, Hans. *Por qué una ética mundial?* Barcelona: Editorial Herder, 2002, 208p.

LACLAU, Ernesto. *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas, 2013, 383p.

LINERA, Álvaro García. *A potência plebeia: ação coletiva e identidades indígenas, operárias e populares na Bolívia*. São Paulo: Boitempo, 2010, 349p.

MAFFETTONE, Pietro. *Populismo e filosofia politica*. Napoli: Liguori Editore, 2020, 178p.

MÉSZÁROS, István. *O Poder da Ideologia*. São Paulo: Boitempo, 2004, 566p.

MIGNOLO, Walter, CATHERINE, Walsh. *On decoloniality: concepts, analytics, praxis*. Durham: Duke University Press, 2019, 291p.

MOFFITT, Benjamin. *The global rise of populism: performance, political style, and representation*. Stanford: University Press, 2016, 190p.

MONKS, Neale, PALMER, Philip. *Ammonites*. London: The Natural History, 2002, 160p.

MUDDE, Cas. How populism became the concept that defines our age. <https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/nov/22/populism-concept-defines-our-age> (01/março/2022).

MUDDE, Cas. "The Populist Zeitgeist." In: *Cambridge*. Oxford: n.2, 2021, pp. 541 – 563.

MUDDE, Cas, KALTWASSER, Cristóbal. *Populism: a very short introduction*. Oxford: Oxford Press, 2017, 131p.

MUDDE, Cas. "Populism: an ideational approach". In: KALTWASSER, Cristóbal et.al.(org.). *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford Press, 2017, p. 46 – 70.

NELSON, Clifford. "Ammonites: Ammon's Horns into Cephalopods". In: *Journal of Society for the Bibliography of Natural History*. London: n.5, 1968, pp.1-18.

NOBRE, Marcos. *Ponto-Final: a guerra de Bolsonaro contra a democracia*. São Paulo: Todavia, 2020, 80p.

OSTIGUY, Pierre. "Populism: a socio-cultural approach". In: KALTWASSER, Cristóbal et.al. (org.). *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford Press, 2017, p. 104 – 133.

PARKIN, Michael. *Economía*. México: Pearson, 2018, 832p.

PARIJS, Philippe Van, VANDERBORGHT, Yannick. *BASIC INCOME: A Radical Proposal for a Free Society and a Sane Economy*. Cambridge: Harvard University Press, 2017, 384p.

PINZANI, Alessandro. "Vai trabalhar, vagabundo: retórica antipobre e aspectos normativos de uma teoria da pobreza." In: *Sob os olhos da crítica: reflexões sobre democracia, capitalismo e movimentos sociais*. Macapá: UNIFAP, 2017, p. 348 – 388.

PINZANI, Alessandro, REGO, Walquiria Leão. *Vozes do Bolsa Família: autonomia, dinheiro e cidadania*. São Paulo: Unesp, 2013a, 241p.

PINZANI, Alessandro. "Justiça social e carências." In: *Teoria Crítica e Justiça Social*. Florianópolis: Nefiponline. 2013b, p. 134 – 159.

QUINTERO, Pablo. "Uma breve história dos estudos decoloniais." In: *MASP*: São Paulo, 2019, pp. 1 -11.

RAONY, Ícaro et.al. "Psycho-Neuroendocrine-Immune Interactions in COVID-19: Potential Impacts on Mental Health". <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/41894> (03/março/2022).

RIBEIRO, Adelia Miglievich. "Por uma razão decolonial: Desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna". In: *Civitas*. Porto Alegre: n.1, 2014, pp. 66 – 80.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020, 36p.

SCHOLZ, Sally J. *Political Solidarity*. Pennsylvania: University Press, 2008, 286p.

SCHWARCZ, Lilia. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, 260p.

SOBRINHO, Liton. *Covid 19: Direitos Humanos e Educação*. Itajaí: Univale, 2020, 457p.

STAHL, Titus. *Immanente Kritik: Elemente einer Theorie sozialer Praktiken*. Frankfurt am Main: Campus Verlag, 2013, 475p.

TAGGART, Paul. *Populism*. Buckingham: Open University Press, 2000, 140p.

THEUNISSEN, Michael. *El outro: Estudios sobre la ontología social contemporânea*. FCE: México, 2014, 580p.

TORRES, Nelson Maldonado. "Transdisciplinaridade e decolonialidade." In: *Revista Sociedade e Estado*. Brasília: n.1, 2016, pp.75 – 97.

URBINATI, Nadia. *Io, il popolo: come il populismo trasforma la democrazia*. Bologna: Mulino, 2020, 322p.

VANDERBORGHT, Yannick, PARIJS, Philippe. *Renda básica de cidadania. Argumentos éticos e econômicos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, 192p.

VARELA, María do Mar, DHAWAN, Nikita. *Postkoloniale Theorie: Eine kritische Einführung*. Bielefeld: Transcript Verlag, 2015, 376p.

WESCHE, Tilo. "Reflexion, Therapie, Darstellung: Formen der Kritik." In: JAEGGI, Rahel, WESCHE, Tilo (org.) *Was ist Kritik?* Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2013, p. 193 – 220.

WEYLAND, Kurt. "Populism: a political-strategic approach." In: KALTWASSER, Cristóbal. *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford Press, 2017, p. 72 – 102.

Doutor em Filosofia (PUCRS, Ano de conclusão)
Professor do Curso Filosofia (UFMA, Campus Imperatriz)
Professor do PPG Filosofia (UFMA)
E-mail: jhs.assai@ufma.br